

# Sete pecados mortais

JOAQUIM CUNHA\*



Portugal continua refém dos mesmos pecados de sempre. Só que neste fim de primeira, perdão, III República, toda a asneira tem um fim. Os pecados repetem-se e os pecadores são conhecidos. Mas de veniais e corrigíveis têm passado a contínuos e mortais. A economia, a classe-média e o país esgotaram a paciência.

Na concorrência, ou falta dela, está tudo como dantes. Ou seja, a PT, a EDP, a Brisa e a banca mantêm o pântano. Antigamente era o PS e o PSD, agora também cabe esse ex-partido radical que em tempos se chamou CDS. Com estas autoridades de concorrência que temos, bem podemos ficar mais descansados, porque ser mais pobre e menos competitivo é impossível.

No crescimento, basta dizer que, em tempo de recuperação mundial, atingimos os 20 países piores do mundo. Sim, leram bem, os 20 piores do mundo! Claro que a falta de crescimento é apenas a consequência das más políticas e da pouca importância que se dá às empresas. Mas isso não vende em “primitivo” e alguns dos nossos macroeconomistas teimam em não perceber que as empresas é que fazem a economia e que o PIB não depende só dos bonitos exercícios de econometria.

Na exportação, basta verificar quem o Icep e o PRIME apoiam para perceber a falta de qualquer política digna desse nome. A prática é a de comprar lóbbis ineficazes, satisfazer clientelas e interesses. A exportação cresce a valores mínimos, mas para os senhores que cozinham os fundos isso é irrelevante já que atiram as culpas para os empresários. O défice comercial, só neste ano, aumentou 20 por cento, mas isso não comove ninguém. E, claro, não é significativo que os directores do Icep sejam os mesmos incompeten-

tes que passaram por Cavaco Silva e por António Guterres e que haja gente que sobrevive naquela administração desde o tempo da ditadura.

O investimento continua pífio – é, aliás, impossível que assim não fosse. O des(governo) do núcleo-duro deste ainda “governo” repetiu a inconsequência de Guterres – e quem não acredita nos “líderes” também não acredita no país. Os milagres dos fundos e da mão-de-obra barata já passaram, felizmente, à História e agora até a ineficaz API, como era de prever, não tem nada para mostrar.

Os estrangeiros, conhecedores da nossa ineficácia, burocracia e – porque não escrevê-lo? – corrupção, é que nem vê-los. Não são estúpidos e nada os prende a um jardim que, de à beira-mar plantado, se vai afogando na inexorável globalização.

As lideranças valem o que valem e as elites são o espelho do país. É impossível ficar indiferente ao facto de uma CIP, sendo controlada pelos bancos, ser contra o Orçamento. Mas mais triste se fica quando um dirigente dos nossos têxteis diz que o fim das quotas das exportações chinesas tem pouco impacto. Só se for para as ineficazes associações do sector, que assim agradecem ao PRIME a sua sobrevivência política e aos mesmos dirigentes que, de PEDIP, RETEX, PAIEP, POE e PRIME, conseguem montar – à custa de todo um sector – as suas marcas e lojas. Se 90 por cento da indústria têxtil caminhar inexoravelmente para entreposto dos chineses na Europa, talvez lhes consigam arrendar os armazéns. Mas as centenas de milhar de desempregados que isso originará farão depois verter as lágrimas de crocodilo dos políticos, os quais, aprovando as medidas, depois renegam as criações.

A estabilidade e a governabilidade são valores em si mesmos. Em Belém, não se sabe o que é gerir uma empresa e planejar investimentos – os tais que podem gerar crescimento e emprego. Uma pequena sondagem feita a centenas de empresários deu uma conclusão óbvia: sem novo governo e sem ver, pelo menos, o limite das asneiras que daí advirão, o mote é “freeze the investments”.

Portanto, com decisões congeladas, Jorge Sampaio deve estar satisfeito: três eleições num ano e uma guerra civil durante três meses só vão, claro, reforçar

a confiança e melhorar as expectativas. Quando, no fim do seu triste mandato, o desemprego ultrapassar os dois dígitos, Sampaio entrará para a História. O Presidente justificou a queda da maioria absoluta com as vacuidades próprias da sua inconsequência. Que o núcleo-duro do Governo era um desastre já se sabia. Mas ainda não estávamos naquele Chernobil do fim do guterrismo e ainda se conservava alguns competentes, os quais, mesmo sendo poucos, dinamizavam muito os seus sectores.

Espero que a decisão presidencial não se tenha baseado nas críticas de empresários que fizeram uma capa do “Diário Económico”. Afinal, quem são esses “empresários” a quem o “DE” se refere que podem pôr em xeque o Governo? Nada mais, nada menos do que o presidente do maior lóbi do país, a Associação Portuguesa de Bancos, outro gere uma farmacêutica, o terceiro é director comercial de vinhos. E, “hélas!”, há – afinal – um único empresário: o administrador da Logoplaste.

Portanto, os empresários, qual episódio bíblico, multiplicaram-se como o pão e o vinho!

Só faltava o grupo de amigos do Portugal sem compromissos. Foram uma vez mais recebidos pelo primeiro-ministro “em gestão” e por António Mexia. Confesso não ter percebido se o ministro lá estava para apresentar o movimento ou na dupla qualidade de membro do movimento e de governante. Mas também, nesta república bananeira, que diferença é que isso faz?

Assim, não podemos exigir melhor panorama neste país: os lóbbis mandam em alguma imprensa, esta manipula e cria uma catástrofe e o líder supremo da nação, qual Kim Il-Sung, faz um terramoto à medida. Por estas e por outras é que cada vez se lê menos jornais e que a abstenção que se avizinha será histórica. Graças a Deus que temos por cá a UE, o euro e a NATO. Senão, este clima, com a classe média e os empresários fartos dos políticos, conduzir-nos-ia, no mínimo, aos “braços amigos do saudoso” FMI. A fome seguinte conduziria a um qualquer levantamento ou a uma argentinização. Mas será que alguém na política se apercebe desta realidade?

\*Presidente da PME-Portugal  
presidente@pmeportugal.com.pt